

RESENHA

GUIMARÃES, Susana Martelletti Grillo. A aquisição da escrita e diversidade cultural: a prática de professores Xerente. Brasília: FUNAI/CGDOC, 2002.

André Raimundo Ferreira Ramos
Indigenista e historiador

O que conhecemos hoje de atos legais e diretrizes que orientam as políticas públicas em relação à educação escolar indígena deve-se muito aos trabalhos realizados especialmente nas décadas de 1980 e 1990, por educadores que conviveram com povos indígenas, partilhando de suas alegrias cotidianas, apreensões e dores face a um mundo dominador cada vez mais presente, mas, também, que incorporaram aos seus conhecimentos saberes, sabores e sensações muito além dos encontrados em seus estudos acadêmicos. Trabalhos estes que, enfrentando situações adversas,

foram, de forma pioneira, abrindo brechas na ideologia das instituições que tinham como princípio de atuação o integracionismo, a exemplo da FUNAI. Quando mal se admitia o uso da língua materna, defendida apenas como mera facilitadora instrumental das políticas de "integração dos povos indígenas à comunhão nacional", como num trançado frágil e silencioso foram sendo materializadas as experiências que, após muitas reflexões e embates, deram origem à expressão "educação escolar indígena específica e diferenciada" atualmente recitada como mero jargão por alguns que não conseguiram ainda compreender este rico universo. Mas não foi pensando em criar novos clichês ou fórmulas prontas como aquelas com as quais nos deparamos por aí que esses educadores enfrentaram desafios e pressões, pois as experiências a que me referi – e que reafirmo são frágeis, uma vez que

muitas delas se romperam, vítimas do descaso e do autoritarismo da política indigenista –, foram resultantes de uma nova relação a que se propunham educadores não índios nas aldeias os quais preocupados com o que era oferecido em termos de educação escolar para as comunidades, começaram a construir um diálogo, inicialmente com os chamados monitores bilíngües, buscando superar a visão colonialista da mera utilização secundária dos mesmos, e a falsa valorização da língua presente no bilingüismo de transição, para, juntos com estes e suas comunidades, iniciarem o longo processo de construção da educação escolar indígena, levando em conta a diversidade e a riqueza de práticas que conhecemos hoje, onde o protagonismo do professor indígena é cada vez mais presente.

A Aquisição da Escrita e Diversidade Cultural - A Prática dos Professores Xerente, como que traduz em parte esses momentos. Susana Grilo foi dessas pessoas em que a paixão em algum ponto casou-se com a razão e saiu por esse Brasil afora tecendo experiências de ensino e aprendizagem com os povos das

aldeias, ainda em um momento tão duro e cheio de incertezas como a segunda metade da década de 1970. Este livro, em que ela registra de forma clara e eficaz a experiência dos professores Xerente nas escolas indígenas, deve-se sobretudo a esse trançado, ou, numa aproximação com a oralidade e sons tão presentes nas escolas indígenas, uma tessitura de vozes e formas. Foi como professora nas aldeias Xerente que, através do diálogo, aqui referenciado nas discussões sobre sociolingüística e tão difícil de ser alcançado, que ela contribuiu para essa trama de muitos fios, bem como para a construção de alternativas educacionais onde os professores indígenas e suas comunidades tornaram a vontade de ter escola não apenas a busca do controle físico da mesma, muitas vezes materializado nas iniciativas das comunidades de realizar construções com recursos próprios e escolher professores indígenas voluntários para assumir uma classe de alfabetização, mas atribuíram a essa vontade e necessidade novos significados e novos valores. Como na aquisição da escrita em uma direção diversa da colocada pela colonização,

tendo como eixo a afirmação da identidade.

Originalmente lançado em 2003, publicado pela Coordenação Geral de Documentação - CGDOC, esta obra vem enriquecer, o considerável acervo de trabalhos que registram as experiências dos professores indígenas. Utilizar aqui a expressão enriquecer não é mera figura de linguagem. O tratamento dado ao tema – em que a autora se faz valer de uma abordagem interdisciplinar, focada especialmente na teoria antropológica, em que se destaca a originalidade e ainda a atualidade do conceito de fricção interétnica de Roberto Cardoso de Oliveira, conjugado a conceitos presentes na teoria sociolinguística – permitem a compreensão dos significados atribuídos pelos Xerente à escolarização e domínio da escrita. Ou seja, a obra tem como elemento propulsor a afirmação da identidade em um contexto de relações interétnicas, constituindo assim uma contribuição muito expressiva nos estudos sobre escolarização e povos indígenas.

Após discorrer sobre a história dos Akwen Xerente, sobre a educação escolar indígena no contexto das diversas fases da política indigenista, e de situar o trabalho

sobre o ponto de vista teórico metodológico, a autora nos traz, de forma precisa, os estudos realizados em campo. Busca apreender, no diagnóstico sociolinguístico realizado, os diferentes espaços de uso da língua indígena e do português, do papel da escola e do professor, entrevistando pais de alunos e lideranças. Assim, este estudo demonstra o contexto dos usos da língua Xerente e o papel da Escola em face das relações assimétricas e colonizadoras com a sociedade não indígena. Prosseguindo em sua investigação, a autora utiliza dois meios para melhor compreensão desta realidade. Parte para observar as práticas dos professores Xerente nas salas de aula, que adquire no processo de ensino-aprendizagem uma dimensão absolutamente dialética, onde se manifestam práticas e significados novos, contrários a concepção assimilacionista, possibilitada especialmente com o papel exercido pelos professores indígenas, que conseguem elaborar uma pedagogia própria amplamente referenciada na pedagogia tradicional de seu povo. Logo após segue então, entrevistando-os para registrar suas concepções sobre os trabalhos que vêm realizando.

O que se apreende nessa incursão pelo universo das escolas Xerente é que são vários os elementos que não são possíveis de se encontrar em rápidas visitas burocráticas às aldeias, são resultantes de vivenciar o outro em situação dialógica. Traduzir este universo de maneira simples e absolutamente compreensível, mesmo para não especialistas, é talvez o maior mérito desta obra. Um outro aspecto a destacar, e que não é demais relembrar, notadamente nos dias atuais – quando a institucionalização crescente das escolas nas aldeias tende a privilegiar números e/ou definir padrões de qualidade muitas vezes

exógenos à realidade das comunidades – é a constatação da proeminência da oralidade frente à escrita no cenário das escolas indígenas. Fato que marca uma fronteira metodológica considerável, em que a língua materna torna-se o principal instrumento de acesso aos conhecimentos. Pois, ao tempo em que representa o principal veículo de construção de uma pedagogia própria, daí não podendo ser abstraída da presença do professor indígena, é a fonte de discussão e compreensão do mundo externo, resignificado constantemente em um projeto de fortalecimento da identidade étnica e cultural.